

Estudo historiográfico acerca da prática esportiva do boxe em Londrina

Paulo Sérgio Micali Junior
(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo. O boxe é uma modalidade de luta esportiva praticada há séculos. Já em Londrina, sua prática regulamentada e sob a supervisão de profissionais conta com, aproximadamente, quarenta anos. Sendo Londrina uma cidade jovem - com apenas oitenta anos -, pode-se dizer que o boxe esteve presente em sua história por um considerável período de tempo, período esse marcado por importantes disputas nacionais e internacionais, surgimento de campeões além da matrícula de mais de cinco mil alunos em apenas duas das academias de boxe da cidade. Assim, buscou-se por meio desse artigo apresentar os resultados de um estudo referente ao desenvolvimento da prática esportiva do boxe nesse município. Para tal, elaborou-se uma pesquisa qualitativa baseada nos depoimentos de importantes indivíduos dentro do universo pugilístico londrinense, como campeões estaduais, nacionais, professores além do diretor técnico da Federação Paranaense de Pugilismo (FPP), que se situa em Londrina. Para a coleta daqueles depoimentos - objetos de estudo dessa pesquisa -, utilizou-se da Metodologia de História Oral proposta por Verena Alberti (2005). Após coletadas, então, aquelas entrevistas foram fragmentadas e suas parcelas foram analisadas, comparadas e dispostas no *corpus* do texto de forma a proporcionar uma compreensão renovada acerca do objeto, como o sugere Roque de Moraes (2003) em sua Metodologia de Análise Textual Discursiva. Por fim, pôde-se melhor compreender o desenvolvimento da prática esportiva do pugilismo em Londrina, sua inserção nesse universo de práticas e consumos assim como o caráter desse esporte enquanto patrimônio cultural daquele município.

Palavras-chave: História; Londrina; Pugilismo; História oral, Análise Textual discursiva.

Introdução

Boxe, pugilismo e pugilato são palavras sinônimas que remetem a um esporte de luta onde se utilizam somente os punhos calçados por luvas estofadas tanto para golpear quanto para se defender (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008). Assim, o boxe consiste em golpear o adversário com os punhos cerrados, marcando pontos ou sofrendo penalidades de acordo com o conjunto de regras que o rege. Vale ressaltar, ainda, que referimo-nos não a um “tipo briga”, mas a uma modalidade de luta esportiva onde

[...] em vez de buscar a destruição do inimigo, procura a vitória sobre o adversário. O combate no boxe nada tem a ver com descontrole e brutalidade. É, antes, o momento de exibir a técnica e domínio do

gesto dos pugilistas. Em outras palavras, o boxe é uma arte. (VAZ, 2007)

Feitas essas considerações, voltemos agora nossa atenção para a prática do boxe no município de Londrina. Tendo completado seus oitenta anos enquanto cidade, Londrina, ainda jovem, conta com a presença do pugilismo regulamentado desde, pelo menos, a década de 1970, ou seja, são aproximadamente quarenta anos, um período considerável quando levamos em consideração a idade do município no qual está inserido. Quando dizemos boxe “regulamentado”, a propósito, referimo-nos à prática desse esporte de forma regimentada, ou seja, regida por normas, regras e mediada por profissionais.

Assim, para a elaboração dessa pesquisa, realizamos uma série de entrevistas com indivíduos inseridos no universo pugilístico londrinense. Dentre eles, alguns lutadores profissionais, amadores, professores de boxe e o diretor técnico da Federação Paranaense de Pugilismo. As experiências relatadas por aqueles entrevistados, a propósito, circunscrevem-se ao período que vai desde a década de 1970 até 2014¹, recorte temporal, portanto, que delimita nossa pesquisa. Ainda, é interessante ressaltar que o contato daqueles entrevistados com o boxe deu-se, principalmente, por meio de três das mais tradicionais escolas de boxe localizadas em Londrina, são elas a Academia da Rádio Patrulha, Esporte Clube Vila Nova e a Escola de Boxe do Londrina Esporte Clube, sendo essa última a única que permanece em funcionamento.

Partindo do pressuposto proposto pelo sociólogo francês Loïc Wacquant, que toma a academia de lutas enquanto “[...] uma instituição complexa e polissêmica, sobrecarregada de funções e de representação que não são apreensíveis de imediato pelo observador [...]” (2002, p.31), em nossos estudos foi possível reconhecer, naquelas academias de boxe, um espaço de sociabilidade e pertencimento. De acordo com Pierre Bourdieu

[...] o espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e construídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam sobre ele [...] As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante da relação entre uma oferta e uma

¹ As entrevistas foram realizadas em 2014.

procura, ou, mais precisamente, entre o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com outro espaço de oferta). (2004, p.210-211)

Por meio da coleta de fontes orais, então, é possível tomar as trajetórias daquelas três academias enquanto meios a partir dos quais se pode analisar tanto a estruturação do pugilismo em Londrina quanto seu caráter patrimonial cultural imaterial. Ao tomar a prática do boxe enquanto patrimônio cultural imaterial, então, vemo-la enquanto um conjunto de riquíssimas e heterogêneas práticas, ofícios, saberes [...] que marcam a vivência e a experiência dos sujeitos (SOUZA, 2014, p.7) enquanto que, com os significativos avanços na concepção patrimonialística no Brasil,

[...] não apenas os bens de pedra e cal são considerados patrimônios, os modos de fazer um delicioso bolinho, doce [...] que passa de geração em geração, podem compor a lista de bens patrimoniais de uma comunidade. Nesses casos, incluem-se o modo de fazer, quer dizer, o procedimento, o jeito de mexer, de assar, os utensílios utilizados. Assim, os nossos pais podem deixar terras, objetos, dinheiro, como também o segredo dos pontos dos bordados, as técnicas de feitura de uma panela de barro os modos de fazer um doce.²

Em outras palavras, advogamos a prática do boxe enquanto patrimônio cultural imaterial de Londrina onde

O lugar e o valor dos instrumentos e dos saberes, das matérias-primas e das técnicas, do produto e dos seus significados, formam uma unidade complexa [...] É claro que a ideia de patrimônio imaterial recai em uma busca contemporânea de ressaltar menos as edificações, os instrumentos e os objetos móveis que monumentalizam a tradição patrimonial do mundo ocidental e mais o campo da idealidade, do valorativo e dos significados simbólicos. (MENESES, 2009, p.21)

Voltando agora para obtenção de fontes de estudo para a confecção desta pesquisa, partimos do pressuposto de que “o registro oral é o documento construído pelo pesquisador, tomando como base a memória do entrevistado” (SILVA; SILVA, 2009, p.159), então, adotou-se a metodologia de História oral proposta por Verena Alberti para a realização e coleta das entrevistas citadas. Segundo aquela autora, essa metodologia pode ser entendida como

² Idem, p.1.

[...] uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história [...] Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2005, p.155)

Ainda com relação à metodologia de História oral proposta por Verena Alberti, ela sugere um processo de produção de fontes orais a partir de três momentos distintos: preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. Em um primeiro momento - durante a preparação das entrevistas -, então, pautamo-nos em dois elementos: um projeto de pesquisa e um roteiro geral. O projeto foi utilizado enquanto “esqueleto” da pesquisa, apresentando seus objetivos e metodologia a ser utilizada. Quanto ao roteiro, foi elaborado, inicialmente, um de caráter geral e que serviu de base para a formulação de outros mais específicos – voltados para cada um dos indivíduos entrevistados -, já que um mesmo roteiro pode não se adaptar a todos os indivíduos a serem entrevistados de forma simultânea³.

Quanto à realização das entrevistas – norteada a partir dos roteiros específicos -, esta se deu por meio da gravação do áudio, apenas. Partindo do pressuposto de que “as lembranças do entrevistado, para a História oral, são uma importante fonte de matéria prima” (SANTOS, 2005, p.4), as entrevistas basearam-se não em questionamentos específicos, mas em comentários abrangentes, por parte do entrevistador, a fim de incitar o entrevistado a discorrer livremente, seguindo seu próprio ritmo.

Já com relação ao tratamento das entrevistas, é de suma importância precaver-se contra uma possível perda ou danificação das mesmas. Assim, todo áudio coletado foi duplicado e transcrito de forma a, além de uma maior segurança, facilitar a consulta daquelas entrevistas (ALBERTI, 2005).

Lembre-mo-nos, no entanto, que as falas dos entrevistados por si só não constituem história propriamente dita. Jacques Le Goff, por exemplo, adverte-nos ao tomar a crítica do documento – qualquer que ele seja – como o dever principal do historiador (1992). Ainda, e de forma mais pontual, José Miguel Arias Neto acredita que

³ Idem.

[...] um documento oral, exige, como qualquer outro, uma análise crítica que verifique: a) as intenções do pesquisador, isso é o lugar e a conjuntura histórica de produção da entrevista; b) sua condução, ou seja, o universo ideológico do entrevistador e entrevistado, seus conflitos e superposições; c) os resultados obtidos através de sua realização, isto é, a hierarquia das ideias resultantes do processo e o seu lugar na historiografia que aborda a questão proposta. (2003, p.160)

Assim, o estudo das falas dos entrevistados deu-se por meio da análise textual discursiva, uma metodologia proposta por Roque de Moraes que

[...] pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão. (MORAES, 2003, p.191)

Por meio dessa metodologia, então,

[...] busca-se a construção de um metatexto⁴ resultante de dois procedimentos prévios: a unitarização do *corpus* do texto, ou seja, a fragmentação dos depoimentos coletados no sentido de gerar unidades referentes aos fenômenos estudados; além do estabelecimento de relações entre aquelas unidades, comparando-as e combinando-as de forma a, quando reunidas, gerar conjuntos mais complexos, as categorias [...]⁵.

Em outras palavras, por meio do processo de unitarização proposto na metodologia de Roque Moraes, buscamos estabelecer delimitações imaginárias dentro das falas dos entrevistados. Assim, pode-se analisar aquelas unidades de forma individual, comparando-as e relacionando-as com maior clareza e facilidade. Posteriormente, as partes foram dispostas em categorias – subcapítulos – dentro da pesquisa, permitindo ao leitor uma visão renovada do objeto de estudo.

Por meio de sua análise textual discursiva, então, Roque Moraes propõem uma abordagem de análise concernente às pesquisas de cunho qualitativo. Segundo Moraes,

[...] seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e ações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação,

⁴ O metatexto consiste em uma estrutura abstrata que, embora se refira ao texto propriamente dito, ainda não possui coerência e coesão necessárias para o lê-lo.

⁵ Ibidem.

isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão⁶.

Em nosso caso, as fontes de estudo foram confeccionadas justamente para a realização dessa pesquisa. Assim, como é característico das pesquisas qualitativas, não há embasamentos conceituais teórico-metodológicos bem delimitados. Nas palavras de Uwe Flick, “A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado [...]” (2004, p.22), mas sim em inúmeras abordagens teóricas metodológicas que caracterizam as discussões e a prática da investigação.

Objetivos

Partimos do pressuposto de que a prática esportiva do boxe em Londrina constitui um importante ofício inserido na sociedade londrinense, seja por meio da oferta de treinos voltados para alunos que pretendem profissionalizar-se ou não, que apenas visam à manutenção da saúde ou, é claro, através da oferta de eventos pugilísticos em ginásios de esportes. Assim, visamos, além de apresentar o desenvolvimento das práticas pugilísticas em Londrina, advogá-las enquanto patrimônio cultural imaterial dessa cidade.

Resultados

Nos últimos anos, houve uma crescente inserção dos esportes em um universo de práticas em consumos (Bourdieu, 2004) ao passo que se desenvolveu a historiografia acerca desse tema no Brasil. Em outras palavras, o universo esportivo vem, paulatinamente, ganhando cada vez mais espaço em meio à sociedade, inclusive no meio acadêmico.

Por meio dessa pesquisa, então, buscamos contribuir para com os campos da historiografia do esporte e do patrimônio cultural imaterial. Para tal, coletamos depoimentos a partir dos quais, com sua análise, pudemos melhor compreender a inserção da prática esportiva do boxe em Londrina, seu desenvolvimento desde a década de 1970 até a primeira metade da década de 2010 além de seu caráter patrimonial cultural imaterial.

⁶ Ibidem.

Considerações Finais

Significativos avanços e profundas reformulações teórico-metodológicas dentro do campo da historiografia caracterizaram a década de 1970. Nesse período, inovadoras propostas formuladas por historiadores franceses, integrantes de um movimento que ficou conhecido como História Nova – *Nouvelle Histoire* –, ampliaram os horizontes do historiador. Por meio de novos objetos, problemas e abordagens, os historiadores passaram a repensar as fronteiras de seu campo de estudo (LUCA, 2005), contrapondo-se à história que vinha sendo feita até então – caracterizada pelo método positivista. O “fazer história”, assim, deixou de atentar-se somente aos documentos escritos, tidos como “oficiais”, referentes quase que exclusivamente às questões político-econômicas. Agora, questões voltadas para as culturas, mentalidades e literatura, por exemplo, passaram a integrar o rol de interesses do historiador.

Nossa pesquisa, a propósito, também pode ser encarada como fruto daqueles aprimoramentos dentro do campo científico, pois gira em torno de dois eixos cujo interesse, por parte da história, ainda é recente: esporte e patrimônio cultural. Sobre o emprego do primeiro dentro da historiografia, Melo e Fortes afirmam que

Só recentemente a História (a disciplina acadêmica) começou a considerar mais seriamente as práticas corporais como um tema relevante. A emergência de uma “subdisciplina” denominada História do Esporte, em grande medida, tem relação com a configuração da Nova História Cultural, no anos 1970 [...] A partir de diálogos com a Antropologia e com a Linguística, em um contexto em que se percebe a valorização da cultura como objeto de estudo nas ciências humanas e sociais, as “práticas” passam a ser consideradas relevantes e mais aceitas como motivo de investigação histórica [...]. (2010, p.13)

Quanto à percepção patrimonialística, no Brasil, suas políticas de valorização e manutenção foram mais bem trabalhadas somente em 2000, por meio do decreto nº 3.551 de agosto que

[...] institui o Registro e Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, o qual permite visualizar a abrangência da ampliação da noção de patrimônio. A partir da inscrição de um determinado bem em um destes livros, o mesmo passa a ser reconhecido como um bem cultural, recebendo o título de Patrimônio Cultural do Brasil; o reconhecimento destes bens por meio do registro, seja por sua expressão ou por serem

representativos da diversidade cultural, significa bem mais que a sua simples titulação como patrimônio. (SCHIAVON, 2014, p. 1568)

Ainda com relação aos novos interesses dentro da historiografia, o temor pela ideia de “perda”, incutido durante os tempos modernos nas mentalidades ocidentais, fatores importantes na tradicional busca por um reconhecimento do patrimônio histórico no nosso tempo,

[...] são decorrentes de uma concepção de que a história é um processo de destruição de “coisas”, de objetos e de bens materiais. A dinâmica das culturas, no entanto, nos leva a pensar a história como processo de construção de saberes, de fazeres, de estruturas materiais e simbólicas, de sentidos e de representações da realidade. Assim, entendendo como patrimônio cultural a herança histórica e a sua dinâmica transformação (da mesma forma histórica) é que podemos pensar na interpretação e no reconhecimento de modos de fazer tradicionais de um produto sui generis importante economicamente para um determinado território cultural. (MENESES, 2009, p.22)

Para finalizar, ressaltamos nossa intenção de contribuir para com a historiografia do esporte enquanto patrimônio cultural, principalmente naquilo que tange ao pugilismo praticado em Londrina. Este tema, a propósito, revelou-se um recorte de estudo ainda em desenvolvimento, extremamente prazeroso e aberto a novas indagações e investigações.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ARIAS NETO, José Miguel. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. **Revista História Oral**, São Paulo, v.6, n.6, p. 159-185, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). **Revista Latino-Americana de História**. Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, p. 508-524, 2012.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORTES, Rafael; MELO, Vitor Andrade de. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras Revista de História**, Dourados, v.12, n. 22, p. 11-35, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MENESES, José Newton Coelho. Modos de fazer e a materialidade da cultura “imaterial”: o caso do queijo artesanal de Minas Gerais. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 5, n.2, p. 19-33, 2009.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência&Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005.

SCHIAVON, Carmem GessildaBurget. História e patrimônio em Rio Grande: pesquisa e mapeamento de bens culturais locais. **Anais do XIV Encontro Regional de História**, Campo Mourão, p. 1564-1572, 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Francisca Márcia Costa de. Patrimônio cultural imaterial na sala de aula. **Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural – Escrita, Circulação, leituras e recepções**, São Paulo, v. 1, p. 1-11, 2015.

VAZ, Alexandre. Fernandez. A nobre arte do soco. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 40-44, 2007.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.